

BRIOFLORA DA ÁREA DE RELEVANTE INTERESSE ECOLÓGICO SERRA DO OROBÓ, MUNICÍPIOS DE RUY BARBOSA E ITABERABA, BAHIA, BRASIL.

Silvana B. Vilas Bôas-Bastos¹

Cid José Passos Bastos²

Katianne Rodrigues Costa³

Recebido em 10.04.2017; Aceito 28.04.2017

Abstract

In this paper is presented a floristic survey of the bryophytes from the Orobó mountain range, located in the central region of state of Bahia, inside the Caatinga Domain. There were found 115 species - 49 of mosses and 66 of liverworts, distributed in varied phytophysionomies: seasonally dry forest in the base, Cerrado in the north hillside, submontane ombrophyllous forest in the east hillside and, rocky outcrop in the top. *Cololejeunea dauphinii* R.-L. Zhu, an interesting species, disjunct with the Central América was found in the area in addition to *Rhynchostegium serrulatum* (Hedw.) A. Jaeger that's the first record for the Bahia.

Keywords: mountainous environments, Caatinga domain, bryophytes

Resumo

Neste artigo está sendo apresentado um levantamento florístico de briófitas da Serra do Orobó, localizada na região central do estado da Bahia, dentro do Domínio Caatinga. Foram encontradas 115 espécies - 49 de musgos e 66 de hepáticas, distribuídas nas diversas fitofisionomias: Floresta Sazonalmente Seca, na base, Cerrado na encosta Norte, Floresta Ombrófila Submontana na encosta Leste e Afloramento rochoso no topo. *Cololejeunea dauphinii* R.-L. Zhu, disjunta com a América Central foi encontrada na área, além de *Rhynchostegium serrulatum* (Hedw.) A. Jaeger que é primeiro registro para a Bahia.

Palavras-chave: Ambientes serranos, Domínio Caatinga, briófitas

Introdução

Os estudos a que se refere o presente artigo fazem parte da Linha de Ação Briófitas de Ambientes Serranos da Caatinga, dentro do "Programa BrioFLORA (Bahia-Brasil)". Muitos desses ambientes serranos estão concentrados na Chapada Diamantina e adjacências. São considerados por Fiaschi & Pirani (2009) como áreas relictuais de Floresta Atlântica, o que amplia significativamente a área dessas florestas para além da faixa litorânea.

1Doutora em Botânica. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Biologia, Laboratório de Taxonomia de Briófitas – BrioFLORA, Campus de Ondina. 40170-280 Salvador, Bahia, Brasil. Contato: vbbastos@yahoo.com.br

2 Doutor em Ciências Biológicas, Área de Botânica, Professor Associado – UFBA - BrioFLORA,

3 Graduanda em Ciências Biológicas, Instituto de Biologia/UFBA BrioFLORA,

A Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE) Serra do Orobó em oposição às áreas de maior visibilidade cênica e biológica da Chapada Diamantina, a Oeste, e da Serra de Jacobina, ao Norte, fornece, devido à sua localização, condições para estabelecer-se um contínuo ambiental. Sua altitude e suas fitofisionomias podem fornecer importantes informações florísticas e biogeográficas sobre as briófitas de Floresta Atlântica na Bahia e, conseqüentemente, no Brasil.

De acordo com os dados de Cardoso & Queiroz (2008) para plantas vasculares, as florestas estacionais e ombrófilas da Serra do Orobó apresentam elementos comuns à Floresta Atlântica do Sul da Bahia e é reconhecidamente rica, com táxons endêmicos. Quanto à brioflora, os dados disponíveis na região estão concentrados na Chapada Diamantina, publicados por Harley (1995) para o Pico das Almas, município de Rio de Contas, porção sudeste da Chapada Diamantina, Bastos *et al.* (1998, 2000), cuja maior proporção de espécimes é do PARNA Chapada Diamantina, Valente *et al.* (2011, 2013a,b), que adicionaram, além das áreas referidas, a Chapada Diamantina Norte e Ballejos & Bastos (2009a, 2009b, 2010) para o Parque Estadual da Sete Passagens, incluso no complexo de Serras de Jacobina. As únicas referências às espécies de briófitas para áreas adjacentes à Chapada Diamantina são esparsas e podem ser encontradas nos checklists de Yano (1981, 1989, 1995, 2006), e em Yano & Peralta (2006). O levantamento da brioflora da Serra do Orobó foi realizado como parte integrante do projeto “Briófitas de ambientes serranos do Domínio Caatinga no Estado da Bahia: o que nos contam os fragmentos florestais relictuais sobre a brioflora serrana?”, que se encontra em andamento. Os primeiros dados relevantes sobre a brioflora da Serra do Orobó foram publicados por Vilas Bôas-Bastos & Bastos (2016a) e se referem à primeira ocorrência de *Cololejeunea dauphinii* R.-L. Zhu para o Brasil e de *Colura calyptrifolia* (Kook.) Domort. para a Bahia.

A escassez de dados para áreas adjacentes à Chapada Diamantina reveste de pioneirismo o presente trabalho, que teve por objetivo principal inventariar as briófitas da ARIE Serra do Orobó, bem como discutir os aspectos florísticos e ecológicos para as diferentes fitofisionomias existentes.

Material e Métodos

a) Área de estudo – A Serra do Orobó está localizada entre os municípios de Ruy Barbosa e Itaberaba (12°15'S, 40°19'W e 12°25'S, 40°30'W) (figura 1) e se constitui em uma Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE) de acordo com o Decreto Estadual 8.267 de 5/6/2002. São encontradas, entre as cotas de 350–1014m, as fisionomias de Cerrado, Floresta Sazonalmente Seca e Ombrófila submontana, além de Campo Rupestre (figuras 2–5), totalizando 7.397ha dentro do Domínio Caatinga (Bahia, 2002). O clima da região é semiárido com temperatura média de 26°C, com mínima e máxima entre 18°–33°C, e precipitação anual estimada em 800mm. (SEI, 1998).

b) Coleta – Foram realizadas três coletas nas faces Norte e Leste, municípios de Ruy Barbosa e Itaberaba, respectivamente, os quais foram considerados como duas áreas de coleta (área 1 e área 2). Foram percorridas trilhas e caminhos abrangendo as fitofisionomias predominantes, em ambas as áreas, conforme a seguir:

b.1) Área 1: Município de Ruy Barbosa – Floresta Sazonalmente Seca, seguindo-se a trilha para o Pátio das Orquídeas (12°17'59"S, 40°29'13"W), com elevação média de 545m; na trilha para o alto da serra (12°18'10"S, 40°29'03"W), caracterizada pela ocorrência de Cerrado, marcado por extenso campo de velózias a partir de ca. 620m até a base do topo; e no Campo Rupestre, no topo da serra (12°18'48"S, 40°28'51"W), com elevação de 1.021m.

b.2) Área 2: Município de Itaberaba – Floresta Sazonalmente Seca (12°24'S, 40°32'W), ca. 600m alt., e Floresta Ombrófila Submontana (12°24'30"S, 40°32'09"W), ca. 752m alt.

Em ambas as áreas de coleta, as amostras foram coletadas em todos os substratos disponíveis e que se encontrassem colonizados, dos quais foram retiradas e acondicionadas em sacos de papel para transporte ao laboratório e posterior estudo morfológico e identificação taxonômica.

Os táxons foram identificados com auxílio da literatura (e.g. Jovet-Ast, 1953; Bischler, 1964; Reese, 1993; Gradstein, 1994; Sharp *et al.* 1994; Buck, 1998, 2002; AllenGradstein & Costa 2003; Zhu, 2006; Allen, 2010; Bordin, 2013; Gradstein & Ilkiu-Borges, 2015). Os exemplares de *Rhynchostegium serrulatum* (Hedw.) A. Jaeger foram identificados mediante comparação com material depositado no herbário Alexandre Leal Costa (Instituto de Biologia/UFBA), previamente identificado pela especialista Dra. Sanna Huttunen, da Universidade de Turku (Finlândia), por ocasião de sua visita ao herbário UFP – Geraldo Mariz da Universidade Federal de Pernambuco.

Para cada espécie, são fornecidos dados de frequência absoluta, baseada no número de ocorrências, a(s) fitofisionomia(s) na(s) qual(is) ocorreram e a(s) briocenose(s) à qual pertence. Exceção é feita para o substrato “estipe de samambaia”, para o qual não há uma designação específica quanto à sua natureza. Assim, será sempre referido o substrato. Estão sendo fornecidos, ainda, o espectro ecológico baseado na frequência de ocorrência das briocenoses e um voucher, selecionado dentre os espécimes identificados. A espécie que representa primeira ocorrência para a Bahia se encontra precedida de um asterisco.

Todos os espécimes se encontram depositados na coleção de briófitas do Herbário Alexandre Leal Costa (ALCB), do Instituto de Biologia-UFBA.

Resultados e discussão

Foram coletados 737 espécimes, a partir dos quais foram identificadas 115 espécies, sendo 66 de hepáticas (57,4%) de 9 famílias e 28 gêneros, e 49 de musgos (42,6%) de 16 famílias e 32 gêneros. A totalização de espécies registradas, por fitofisionomia, em cada área amostrada é encontrada na tabela 1, e a lista de táxons, e suas frequências, fitofisionomias e briocenoses correspondentes, se encontram na tabela 2. As proporções do número de hepáticas e musgos em relação ao número total de espécies, em cada fitofisionomia, são encontradas na figura 6.

O maior número de espécies (72) foi registrado para a Floresta Sazonalmente Seca, na face Norte da Serra, e a Floresta Ombrófila Submontana (70), na face Leste, o que corresponde, respectivamente, a 62,6% e 60,8% do total. Para o Campo Rupestre 36 espécies foram identificadas enquanto que para o Cerrado apenas oito.

A brioflora da Serra do Orobó apresentou alta riqueza com a ocorrência de espécies pouco comuns, a exemplo de *Cololejeunea dauphinii*, dentre as hepáticas, cuja distribuição era restrita ao Panamá e à Costa Rica e conforme Vilas Bôas-Bastos & Bastos (2016a), tem na Serra do Orobó seu único local de ocorrência no Brasil. Dentre os musgos, destacam-se *Spidentopsis longissima* que, de acordo com Vilas Bôas-Bastos & Bastos (2016b), além do Sudeste e, menos frequentemente no Sul do Brasil, ocorre na região Nordeste apenas no Ceará e Bahia, com baixa frequência de ocorrência, apenas em áreas serranas, principalmente nos remanescentes de Floresta Ombrófila serrana dentro do Domínio Caatinga; e *Rhynchostegium serrulatum*, restrita à Floresta Ombrófila mista do Sul do Brasil (Peralta, 2015). Estas duas últimas espécies, típicas de vegetação mais úmida, ocorreram na Floresta Ombrófila Submontana, na face Leste da Serra. Esta é, portanto, a primeira referência de *R. serrulatum* para o Nordeste do Brasil.

A família que contribuiu com o maior número de espécies, dentre as hepáticas, foi Lejeuneaceae (45), correspondendo a 68,2% do total (figura 7). Dentre os musgos o número de espécies, por família, foi mais equitativo, entre uma e seis, tendo se destacado Leucobryaceae (6), Calymperaceae e Sematophyllaceae, ambas com cinco espécies, seguidas de Brachytheciaceae, Bryaceae, Fissidentaceae e Pterobryaceae com quatro espécies cada (figura 8).

Foi observado que 95 espécies (81,7%), sendo 52 de hepáticas e 43 de musgos apresentaram baixa frequência de ocorrência (≤ 10). As espécies mais frequentes, em ordem decrescente foram *Anoplolejeunea conferta*, *Isopterygium tenerum*, *Cheilolejeunea xanthocarpa*, *Frullania caulisequa*, *Lejeunea flava*, *Frullania ericoides*, *Frullania kunzei*, *Cheilolejeunea conchifolia*, *Sematophyllum galipense*, *Campylopus filifolius*, *Sematophyllum subpinnatum*, *Schiffneriolejeunea polycarpa*, *Drepanolejeunea araucariae*, *Lejeunea phyllobola*, *Microlejeunea cystifera*, *Entodontopsis leucostega*, *Microlejeunea epiphylla*, *Rectolejeunea versifolia* e *Fissidens serratus*. Apenas 20 espécies (17,4%) apresentaram frequência superior ou igual a 10, sendo seis de musgos e 14 de hepáticas (tabela 2).

Das 115 espécies identificadas, 83 (72%) são compartilhadas com a Chapada Diamantina. Três, das 22 espécies exclusivas, têm a Serra do Orobó como sua área única de ocorrência na Bahia (*Colura calyptrifolia* e *Rhynchostegium serrulatum*), ou no Brasil (*Cololejeunea dauphinii*).

Após registro e análise do tipo de substrato colonizado por cada espécime coletado, foi observado que a briocenose mais frequente foi corticícola, com 519 ocorrências, predominante nas florestas ombrófila e sazonal, seguida de epíxila, com 95 ocorrências, predominante na Floresta Ombrófila, terrícola com 85 e rupícola com 25 (figura 9). As comunidades epífila e húmida foram as menos frequentes e apresentaram três e oito registros, respectivamente. A presença de samambaias arbóreas (Cyatheaceae), condicionada pela alta umidade na Floresta Ombrófila, proporcionou mais uma superfície disponível para colonização, embora sem especificidade e apenas uma única ocorrência sobre seu estipe. *Trichostomum tenuirostre* cresceu exclusivamente sobre cupinzeiro, cuja natureza é a mesma que a do solo local. Sua especificidade é justificada pelo fato de ser uma espécie exclusivamente terrícola. Assim, o termo termitícola representa apenas uma adequação semântica para melhor identificação do local específico de ocorrência. As rupícolas, por sua vez, foi a terceira briocenose mais frequente, superada pelas epíxilas. A totalização de cada briocenose em relação às fitofisionomias nas quais ocorreram pode ser encontrada na tabela 3.

O espectro ecológico (Fudali, 2001) da brioflora da Serra do Orobó é corticícola–epíxila–terrícola–rupícola–húmida–epífila. Quando comparados, entre si, os espectros ecológicos das hepáticas e dos musgos apresentam diferenças a partir da segunda posição: epíxila e terrícola, respectivamente (figura 10). Na maioria dos estudos realizados, e que envolvem análise de comunidades, a briocenose epíxila ocupa a segunda posição no espectro, tanto para musgos como para hepáticas. Isto, de acordo com Vilas Bôas-Bastos & Bastos (2009), muito provavelmente deve-se ao contínuo formado entre o solo e a base de árvores e arbustos. Esse contínuo pode ser confirmado, no presente estudo, pelo maior número de espécies (39), que constituem as duas briocenoses (corticícola e epíxila). O espectro observado para as hepáticas, na área estudada, está coerente com essa observação, porém não para os musgos. Assim, o espectro ecológico para as hepáticas é corticícola–epíxila–rupícola–húmida–terrícola–epífila, enquanto que para os musgos é corticícola–terrícola–epíxila–rupícola.

Contrariando o resultado esperado, para o Campo Rupestre, o número de espécies rupícolas e terrícolas foi superado pelas corticícolas, o que se deve à grande quantidade de arbustos oferecendo superfície para colonização em seus troncos. A grande

disponibilidade desse substrato e o fato de ficarem elevados, mais expostos ao alto teor de umidade fornecido pela nebulosidade diária, ao menos nas primeiras horas do dia, pode ter favorecido uma colonização estratégica tanto para as espécies exclusivas (Vilas Bôas-Bastos & Bastos, 2016a), como para espécies compartilhadas com as fitofisionomias florestadas. Em sua maioria, as comunidades corticícolas são compostas por representantes de Porellales, que apresentam filídios incubos e lobos ventrais fortemente inflados (Lejeuneaceae) ou sacatiformes (Frullaniaceae), o que possibilita maior captação e retenção de água.

De acordo com Mägdefrau (1982) as briófitas são influenciadas por fatores externos, principalmente umidade e incidência de luz, além da formação vegetacional. As fitofisionomias abertas, como o Cerrado e o Campo Rupestre, onde há maior incidência de luz, oferecem um ambiente propício para o desenvolvimento de espécies de musgos eretos, em geral terrícolas, que formam relvados ou almofadas e são mais resistentes aos ambientes méxicos a xéricos. As hepáticas apresentam forma de crescimento prostrado e, no entanto, predominaram no Campo Rupestre, sendo que algumas das espécies (*Frullania ericoides*, *F. kunzei* e *Lejeunea flava*), apesar de frequentemente referidas para esse ambiente, ou para áreas de altitude, têm grande amplitude ecológica, e ocorrem em várias fitofisionomias e altitudes, porém sempre compondo sinúcias fotófilas, além dos tratos antrópicos. (e.g. Silva *et al.*, 2014; Bastos *et al.*, 2000; Silva & Germano, 2013; Yano & Peralta, 2011; Bastos & Yano, 1993; Yano & Câmara, 2004; Visnadi, 2013). *Cheilolejeunea xanthocarpa* é, também, referida para outras áreas com vegetação méxica na Bahia, como a restinga (Bastos & Yano, 2006), e os tabuleiros litorâneos (Vilas Bôas-Bastos & Bastos, 2008). *Microlejeunea cystifera*, além do Campo Rupestre, no presente levantamento, até o momento tem sido coletada apenas em florestas de altitude (Bastos, 2004; Valente *et al.*, 2013a).

O maior número de espécies compartilhadas (29) foi entre a Floresta Ombrófila Submontana e a Floresta Sazonalmente Seca. Entre cada uma destas e o Campo Rupestre foram registradas cinco espécies compartilhadas. O maior número de espécies exclusivas foi registrado para as florestas ombrófila (24) e Sazonalmente Seca (22), com igualdade numérica entre musgos e hepáticas em ambas, seguida de Campo Rupestre (14), a maioria de hepáticas (10). Nenhuma espécie encontrada no Cerrado foi exclusiva, sendo duas compartilhadas apenas com a Floresta Sazonalmente Seca e seis compartilhadas, concomitantemente, com as demais fitofisionomias. As quatro espécies compartilhadas com a Floresta Ombrófila (*Rosulabryum capillare*, *Campylopus trachyblepharon*, *Cylindrocolea rhizantha* e *Frullania kunzei*) são típicas de ambientes com características méxicas a xéricas (Bastos, 2006) e ocorrem na Floresta Ombrófila formando sinúcias fotófilas na borda da mata ou no solo exposto ao longo das trilhas, e/ou clareiras.

Notadamente *Sematophyllum subsimplex* (Hedw.) Mitt. não foi registrada no presente levantamento, conforme seria esperado e coerente com os demais levantamentos realizados em áreas florestadas, serranas ou de terras baixas, preservadas ou sob pressão antrópica, onde geralmente ocorre como uma das espécies, senão a única com alta frequência, dentre os musgos (e.g. Vilas Bôas-Bastos & Bastos, 2009; Pôrto *et al.*, 2004). Seu nicho, na área de estudo, parece ser ocupado, portanto, por *Entodontopsis leucostega*, quando analisados o substrato colonizado e a área de ocorrência, sem, portanto, serem mutuamente exclusivas, uma vez que Castro *et al.* (2002) refere a ocorrência associada de ambas as espécies no PARNA Sete Cidades no Estado do Piauí.

No que diz respeito às espécies de musgos exclusivas na Floresta Ombrófila (12), embora a predominância de espécies plagiotrópicas (8), sobre as ortotrópicas (4), verificou-se que estas últimas (*Syrhodon gaudichaudii*, *S. incompletus*, *S. prolifer* e

Holomitrium crispulum) são mais relacionadas a ambientes úmidos e sombreados, conforme refere Gradstein *et al.* (2001), ao menos para *Syrrhopodon* spp., o que justifica sua presença na Floresta Ombrófila da área estudada, como ocorre, por exemplo, na Floresta Ombrófila de terras baixas do baixo Sul da Bahia (Bastos & Vilas Bôas-Bastos, 2009), nos brejos de altitude em Pernambuco e Paraíba (Porto *et al.*, 2004). Para a Floresta Sazonalmente Seca, obteve-se predominância de espécies ortotrópicas (7) sobre as plagiotrópicas (4), sendo que estas últimas (*Fabronia ciliaris* var. *polycarpa*, *Henicodium geniculatum*, *Entodontopsis leucostega* e *Stereophyllum radiculosum*) são espécies típicas de ambientes expostos e com alto índice de radiação, conforme Buck & Vitt (1986). Dentre estas, destacaram-se *F. ciliaris* var. *polycarpa* e *E. leucostega* que são referidas, inclusive, para a Caatinga arbustiva, na Bahia (Bastos *et al.*, 1998).

Ao compararem-se a brioflora da ARIE Serra do Orobó com as briofloras das florestas ombrófilas de terras baixas do Sul da Bahia (Estação Veracel - dados ainda não publicados e Reserva Ecológica Michelin – Bastos & Vilas Bôas-Bastos, 2009 e Bastos & Valente, 2009) verifica-se um grande número de espécies comuns (69). Esse resultado repete a mesma condição encontrada para a flora fanerogâmica por Cardoso (2006).

Comentários finais

A brioflora brasileira conta com 1.524 espécies (Costa & Peralta, 2015), às quais podem ser adicionadas seis espécies de hepáticas recentemente descritas por Bastos & Zartman (2016), Bastos *et al.* (2016) e Gradstein & Costa (2016), para a região amazônica, e Bastos & Schäfer-Verwimp (2017) para a Floresta Atlântica, e uma de musgo por Soares & Câmara (2015) para o Cerrado e Floresta Atlântica. Desse modo, 1.531 espécies é o número mais atual para a brioflora brasileira. Além disso, novos recordes, local, regional ou nacional, têm sido adicionados, conforme referidos por Vilas Bôas-Bastos & Bastos (2016a).

Ainda de acordo com Costa & Peralta (2015), a Floresta Atlântica apresenta o maior número de espécies (1.337) e, também, maior número de espécies endêmicas (242). Esses números podem ser maiores se muitas das florestas ombrófilas já amostradas forem abordadas, floristicamente, dentro do conceito de Fiaschi & Pirani (2009) - Domínio Floresta Atlântica, que inclui restingas, manguezal e as florestas ombrófilas submontanas e montanas localizadas em áreas serranas dentro do Domínio Caatinga, conforme adotado no presente trabalho.

As novidades taxonômicas e florísticas têm sido provenientes dos contínuos levantamentos florísticos realizados nas várias fitofisionomias dentro dos vários Domínios Fitogeográficos. Isso indica que inventários florísticos ainda são necessários por se constituírem em ferramenta básica para o conhecimento da biodiversidade, para que, desse modo, sejam empreendidas as ações necessárias para a redução de pressões direta e, conseqüentemente de sua perda.

Tendo em vista que os inventários fanerogâmicos são os mais frequentes, o estudo da brioflora se faz necessário para várias áreas que ainda representam lacunas, por fornecerem dados para sua completa interpretação, inclusive sob o aspecto biogeográfico.

O presente resultado para a brioflora da ARIE Serra do Orobó, complementam significativamente os dados de Harley (1995), Bastos *et al.* (1998, 2000), Valente *et al.* (2011, 2013a, 2013b) para a região central da Bahia, ampliando a área de cobertura dos levantamentos brioflorísticos no Estado, na circunvizinhança da Chapada Diamantina. A ARIE Serra do Orobó é uma área com alta riqueza florística e de grande importância no contexto da conservação da biodiversidade devido a ocorrência de espécies pouco comuns e com distribuição geográfica restrita, na Bahia ou no Brasil, a exemplo de *Metzgeria hegewardii* que segundo Costa (1999), baseado nos critérios da IUCN – “International Union for Conservation of Nature”, é incluída na categoria de “vulnerável”

devido a escassa distribuição na América do Sul. Na Bahia, ocorre apenas na Serra do Barbado, município de Abaíra; na Reserva do Poço Escuro, município de Vitória da Conquista (Valente *et al.*, 2013a; Souza *et al.* 2016), e na Serra do Orobó. *Cololejeunea dauphinii* é disjunta com a América Central, ocorrendo apenas no Panamá e na Costa Rica; *Rhynchostegium serrulatum* ocorre apenas no Sul do Brasil; *Spiridentopsis longissima* tem escassas ocorrências nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil. Nesta última, apenas no Ceará - Serra de Maranguape (Yano & Porto, 2006), e na Bahia - Serra do Timbó, município de Amargosa; na Serra da Jibóia, município de Santa Teresinha, e no Monte Pascoal, município de Porto Seguro (Vilas Bôas-Bastos & Bastos 2016b). Na Serra do Orobó, ocorre formando grandes populações na parte mais alta da Floresta Ombrófila, em Itaberaba (figura 11). *Microlejeunea cystifera* ocorre apenas nos Estados de São Paulo e Bahia, sendo que neste último é restrita às florestas e aos campos de altitude da Chapada Diamantina e Serra de Jacobina (Bastos, 2004; Valente *et al.*, 2013a), e presentemente, na Serra do Orobó.

O expressivo resultado obtido demonstra a urgência com que deve ser tratada a biodiversidade brasileira, uma vez que é significativa a totalidade de áreas ainda não devidamente amostradas e, de áreas que apresentam grande potencial para a conservação da biodiversidade, como as florestas relictuais nas áreas serranas dentro do Domínio Caatinga. Uma das áreas indicadas, na Bahia, como prioritária para a conservação da Caatinga, é Ipirá/Serra do Orobó, com extrema importância ecológica e alta fragilidade intrínseca do sistema, cuja principal pressão antrópica é a mineração (Giulietti *et al.*, em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/18265/1/Caatingaaa.pdf>).

No presente trabalho, os resultados sugerem que a ARIE apresenta grande potencial para ser convertida em área de proteção integral, principalmente quando associados àqueles obtidos para a flora fanerogâmica, que apresenta várias espécies endêmicas (*Sauvagesia paganuccii* D.B.O.S. Cardoso & Harley (Ochnaceae), *Anthurium zappiae* Haigh, Nadruz & Mayo (Araceae), *Calliandra oroboensis* E.R. Souza & L.P. Queiroz (Leguminosae), *Marcetia cardosoana* A.K. A. Santos & A.B. Martins (Melastomataceae) e *Begonia paganuccii* Gregório & J.A. Costa (Begoniaceae), descritas originalmente a partir de material coletado na Serra.

Agradecimentos

Os autores são gratos à Universidade Federal da Bahia pelo apoio logístico para os trabalhos de campo. À Diretoria de Unidades de Conservação do Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (INEMA) do Estado da Bahia, pela autorização de coletas na ARIE Serra do Orobó (Portaria no 9095/2015). À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), pelo apoio financeiro (TO PNE 0020/2011). Ao CNPq pela Bolsa de Produtividade em Pesquisa concedida ao segundo autor. Ao Programa PIBIC/CNPq pela bolsa de iniciação científica concedida ao último autor. Ao Dr. Tamás Pócs pela confirmação de *Cololejeunea dauphinii*. À Dra. Denise P. da Costa do Jardim Botânico do Rio de Janeiro pela confirmação de *Metzgeria myriopoda*. Ao Dr. Domingos Cardoso do Instituto de Biologia/UFBA pela colaboração nos trabalhos de campo e doação da fotografia de *Spiridentopsis longissima* e aos estagiários do Laboratório de Taxonomia de Briófitas (BrioFLORA) pelo auxílio nas coletas.

Referências bibliográficas

- ALLEN, B.H. 2002. Moss Flora of Central America. Part 2. Encalyptaceae–Orthotrichaceae. *Monographs in Systematic Botany* 117: 1-698.
- ALLEN, B.H. 2010. Moss Flora of Central America. Part 3. Anomodontaceae–Symphyodontaceae. *Monographs in Systematic Botany* 90: 1-731.
- BAHIA. 2002. Decreto 8.267. Diário Oficial do Estado, Salvador. 13p.

- BALLEJOS, J. & BASTOS, C.J.P. 2009a. Musgos pleurocárpicos do Parque Estadual das Sete Passagens, Miguel Calmon, Bahia, Brasil. *Hoehnea* 36(3): 479-495.
- BALLEJOS, J. & BASTOS, C.J.P. 2009b. Orthotrichaceae e Rhizogoniaceae (Bryophyta – Bryopsida) do Parque Estadual das Sete Passagens, Bahia, Brasil. *Rodriguésia* 60(4): 723-733.
- BALLEJOS, J. & BASTOS, C.J.P. 2010. Musgos acrocárpicos (Bryophyta) do Parque Estadual das Sete Passagens, Miguel Calmon, Bahia, Brasil. *Revista Brasileira de Botânica* 33(2): 355-370.
- BASTOS, C.J.P. 2004. *Lejeuneaceae (Marchantiophyta) no Estado da Bahia*, Brasil. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo. 442p.
- BASTOS, C.J.P. & SCHÄFER-VERWIMP, A. 2017. Three new species of *Cheilolejeunea* (Spruce) Steph. (Lejeuneaceae, Marchantiophyta) from Neotropics. *Phytotaxa* 299: 66-76.
- BASTOS, C.J.P. & VALENTE, E.B. 2009. Hepáticas (Marchantiophyta) da Reserva Ecológica da Michelin, Igrapiúna, Bahia, Brasil. *Sitientibus, Série Ciências Biológicas* 8(3-4): 280-293.
- BASTOS, C.J.P. & VILAS BÔAS-BASTOS, S.B. 2009. Musgos acrocárpicos e cladocárpicos da Reserva Ecológica da Michelin, Igrapiúna, Bahia, Brasil. *Sitientibus, Serie Ciências Biológicas* 8(3-4): 275-279.
- BASTOS, C.J.P. & YANO, O. 1993. Musgos da zona urbana de Salvador, Bahia, Brasil. *Hoehnea* 20(1/2): 23-33.
- BASTOS, C.J.P. & ZARTMAN, C.E. 2016. *Cheilolejeunea amazônica* (Lejeuneaceae, Marchantiophyta), a new tepui species from northern Brazil. *Phytotaxa* 266(1): 15-20.
- BASTOS, C.J.P., SIERRA, A.M. & ZARTMAN, C.E. 2016. Three new species of *Cheilolejeunea* (Spruce) Steph. (Marchantiophyta, Lejeuneaceae) from northern Brazil. *Phytotaxa* 277(1): 36-46.
- BASTOS, C.J.P., STRADMANN, M.T. & VILAS BÔAS-BASTOS, S.B. 1998. Additional contributions to the bryophyte flora from Chapada Diamantina National Park, State of Bahia, Brazil. *Tropical Bryology* 15: 15-20.
- BASTOS, C.J.P., YANO, O & VILAS BÔAS-BASTOS, S.B. 2000. Briófitas de campos rupestres da Chapada Diamantina, estado da Bahia, Brasil. *Revista Brasileira de Botânica* 23(4): 357-368.
- BISCHLER, H. 1964. Le genre *Drepanolejeunea* Steph. en Amérique Centrale et Méridionale. *Revue Bryologique et Lichénologique* 33(1-2): 15-179.
- BORDIN, 2013. Fissidentaceae (Bryophyta) do Brasil. *Boletim do Instituto de Botânica* 22: 1-168.
- BUCK, W.R. 1998. Pleurocarpous Mosses of West Indies. *Memoirs of the New York Botanical Garden* 82: 1-400.
- BUCK, W.R. & VITT, D.H. 1986. Suggestions for a new familial classification of pleurocarpous mosses. *Taxon* 35(1): 21-60.
- CARDOSO, D.B.O.S. 2006. *Caracterização e composição florística da vegetação da Serra do Orobó, Bahia, Brasil*. Monografia de Bacharelado, Universidade Estadual de Feira de Santana, 74p.
- CARDOSO, D.B.O.S. & QUEIROZ, L.P.Q. 2008. Floristic composition of seasonally dry tropical forest fragments in central Bahia, Northeastern, Brazil. *Journal of the Botanical Research Institute of Texas* 2(1): 551-573.
- CASTRO, N.M.C.F., PORTO, K.C., YANO, O. & CASTRO, A.A.J.F. 2002. Levantamento florístico de Bryopsida de Cerrado e Mata ripícola do Parque Nacional de Sete Cidades, Piauí, Brasil. *Acta Botânica Brasilica* 16(1): 61-76.
- COSTA, D.P. 1999. *Metzgeriaceae no Brasil*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo. 261p.
- COSTA, D.P. & PERALTA, D.F. 2015. Bryophytes diversity in Brazil. *Rodriguésia* 66(4): 1063-1071.
- FIASCHI, P. & PIRANI, J.R. 2009. Review of plant biogeographic studies in Brazil. *Journal of Systematics and Evolution* 47(5): 477-496.
- FUDALI, E. 2001. The ecological structure of the bryoflora of wroclaw's parks and cemeteries in relation to their localization and origin. *Acta Societatis Botanicorum Poloniae* 70(3): 229-235.
- GIULIETTI, A.M., DU BOCAGE NETA, A.L., DE PAULA, A.R.L., BARBOSA, D.C., NOGUEIRA, E., SAMPAIO, E.V.S.B., SILVA, G.C., MACHADO, I.C., VIRGÍNIO, J.F., MAIA, L.C., GRIZ, L.M.S., QUEIROZ, L.P., LIMA, J.L.S., SILVA, M.A., FIGUEIREDO, M.A., RODAL, M.J.N., BARRADAS, M.M., BARBOSA, M.R.V., HARLEY, R.M. & CHAVES, S.M. Vegetação: áreas e ações prioritárias para a conservação da Caatinga, disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/18265/1/Caatingaaa.pdf>,

acesso em 04/04 de 2017.

GRADSTEIN, S.R. 1994. Lejeuneaceae: Ptychanthoideae, Brachiolejeuneae. *Flora Neotropica, Monograph* 62:1-216.

GRADSTEIN, S.R. & COSTA, D.P. 2003. Liverworts and Hornworts of Brazil. *Memoirs of the New York Botanical Garden* 87: 1-301.

GRADSTEIN, S.R. & COSTA, D.P. 2016. A new species of *Syzygiella* subg. *Crypyochila* (Marchantiophyta) from Brazil. *Nova Hedwigia* 103(1-2): 13-14.

GRADSTEIN, S.R. & ILKIU-BORGES, A.L. 2015. A taxonomic revision of the genus *Odontoschisma* (Marchantiophyta: Cephaloziaceae). *Nova Hedwigia* 100(1-2): 15-100.

GRADSTEIN, R.S., CHURCHILL, S.P. & SALAZAR-ALLEN, N. 2001. Guide to the Bryophytes of Tropical America. *Memoirs of the New York Botanical Garden* 86: 1-577.

HARLEY, R.M. 1995. Bryophyta. In B.L. Stannard (ed.), *Flora of the Pico das Almas. Chapada Diamantina – Bahia, Brazil*. Kew: Royal Botanic Gardens, p.803-812.

JOVET-AST, S. 1953. Le genre *Colura* Hépatiques. Lejeuneaceae, Diplasiae. *Revue Bryologique et Lichénologique* 22: 206-312.

MÄGDEFRAU, K. 1982. Life forms of bryophytes. In: A.J.E. Smith (Ed.). *Bryophyte Ecology*. Chapman and Hall. Cambridge, Cambridge University Press. Pp. 45-58.

PERALTA, D.F. 2015. Brachytheciaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB95940>>. Acesso em 25/03/2017.

PORTO, K.C., GERMANO, S.R. & BORGES, G.M. 2004. Avaliação dos Brejos de Altitude de Pernambuco e Paraíba, quanto à diversidade de briófitas para a conservação. In: K.C. Porto; J.J.P. Cabral & M. Tabarelli, (Orgs.). *Brejos de Altitude em Pernambuco e Paraíba: história natural, ecologia e conservação*. Ministério do Meio Ambiente, Pp. 79-98.

REESE, W.D. 1993. Calymperaceae. *Flora Neotropica, monograph* 58: 1-102

SEI (Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia.). 1998. *Análise dos atributos climáticos do Estado da Bahia*. Série estudos e Pesquisas 38. Salvador, Bahia.

SHARP, A.J., CRUM, H. & ECKEL, P.M. (eds). 1994. The moss flora of Mexico. *Memoirs of the New York Botanical Garden* 69: 1-1113

SILVA, J.B. & GERMANO, S.R. 2013. Bryophytes on rocky outcrops in the *Caatinga* biome: A conservationist perspective. *Acta Botanica Brasílica* 27(4): 827-835.

SILVA, T.O., SILVA, M.P.P. & PORTO, K.C. 2014. Briófitas de afloramentos rochosos do Estado de Pernambuco, Brasil. *Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão* (N. Sér.) 36: 85-100.

SOARES, A.E.R. & CÂMARA, P.E.A.S. 2015. A new species of *Thuidium* from Brazil, and key to the Brazilian species of the genus. *The Bryologist* 118(2): 178-183.

SOUZA, A.M., VALENTE, E.B., BASTOS, C.J.P. & AZEVEDO, C.O. 2016. Marchantiophyta da Reserva do Poço Escuro, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *Natureza on line* 14(2): 64-72.

VALENTE, E.B., PORTO, K. C., BASTOS, C.J.P. 2011. Checklist of Bryophytes of Chapada Diamantina, Bahia, Brazil. *Boletim do Instituto de Botânica* 21: 111-124.

VALENTE, E.B., PORTO, K. C., BASTOS, C.J.P. 2013a. Species richness and distribution of bryophytes in different phytophysionomies from Chapada Diamantina, Brazil. *Acta Botanica Brasílica* 27: 294-310.

VALENTE, E.B., PÔRTO, K. C.; BASTOS, C.J.P. & BALLEJOS-LOYOLA, J. 2013b. Diversity and distribution of the bryophyte flora in montane forests at Chapada Diamantina, Brazil. *Acta Botanica Brasílica* 27: 506-518.

VILAS BÔAS-BASTOS S.B. & BASTOS, C.J.P. 2009. Musgos pleurocárpicos dos fragmentos de Mata Atlântica da Reserva Ecológica da Michelin, município de Igrapiúna, BA, Brasil. II – Hypnales (Bryophyta: Bryopsida). *Acta Botanica Brasílica* 23(3): 630-643.

VILAS BÔAS-BASTOS, S.B. & BASTOS, C.J.P. 2016a. Duas novas ocorrências de hepáticas folhosas (Marchantiophyta) para o estado da Bahia, Brasil. *Rodriguésia* 67(4): 1101-1106.

VILAS BÔAS-BASTOS, S.B. & BASTOS, C.J.P. 2016b. Pterobryaceae Kindb. (Bryophyta) no Brasil. *Pesquisas, Botânica* 69: 13-71.

VISNADI, S.R. 2013. Briófitas de áreas antrópicas do Parque Estadual da Serra do Mar, Núcleo Pinguaba, Ubatuba, estado de São Paulo, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Naturais* 8(1): 49-62.

YANO, O. 1981. A checklist of Brazilian mosses. *Journal of the Hattori Botanical Laboratory* 50: 279-456.

YANO, O. 1989. Na additional checklist of Brazilian bryophytes. *Journal of the Hattori Botanical Laboratory* 66: 371-434.

YANO, O. 1995. A new additional annotated checklist of Brazilian bryophytes. *Journal of the Hattori Botanical Laboratory* 78:137-182.

YANO, O. 2006. Novas adições ao catálogo de briófitas brasileiras. *Boletim do Instituto de Botânica* 17: 1-142.

YANO, O. & CÂMARA, P.E.A.S. 2004. Briófitas de Manaus, Amazonas, Brasil. *Acta Amazonica* 34(3): 445-457.

YANO, O. & PERALTA, D.F. 2006. Briófitas coletadas por Daniel Moreira Vital no Estado da Bahia, Brasil. *Boletim do Instituto de Botânica* 18: 33-73.

YANO, O. & PERALTA, D.F. 2011. Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais: Briófitas (Anthocerotophyta, Bryophyta e Marchantiophyta). *Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo* 29(2): 135-299.

YANO, O. & PORTO, K.C. 2006. Diversidade das briófitas das matas serranas do Ceará, Brasil. *Hoehnea* 33(1): 7-39.

ZHU, R.-L. 2006. *Cololejeunea dauphinii* nom. nov. for *Cololejeunea tixieri* M. Morales & G. Dauphin from Panama (Jungermanniopsida: Lejeuneaceae). *Journal of Bryology* 28: 277.

Tabela 1. Quantificação das espécies de musgos e hepáticas identificadas para a Área de Relevante Interesse Ecológico Serra do Orobó, por fitofisionomia em cada área amostrada

FITOFISIONOMIAS	ÁREA 1: RUY BARBOSA		ÁREA 2: ITABERABA	
	Musgos	Hepáticas	Musgos	Hepáticas
Floresta Sazonalmente Seca	08	06	03	07
Cerrado	02	01	00	00
Campo Rupestre	06	12	00	00
Floresta Ombrófila Submontana	00	00	30	40
TOTAL	16	19	33	47
		35		80
			115	

Tabela 2. Táxons identificados e suas respectivas frequência absoluta e relativa; fitofisionomias e briocenose na Área de Relevante Interesse Ecológico Serra do Orobó, municípios de Ruy Barbosa e Itaberaba, Brasil. F = frequência absoluta; F% = frequência relativa. Fitofisionomia: FOS = Floresta Sazonalmente Seca, CER = Cerrado; CRU = Campo Rupestre; FOS = Floresta Ombrófila Submontana. Briocenose: CO = corticícola; EX = epíxila; EF = epífila; TE = terrícola; RU = rupícola; HU = humícola, TM = termiticícola, SM = estipe de samambaia*. ** = primeiro registro para a Bahia.

TÁXON	F	F%	FITOFISIONOMIA	BRIOCENOSE	VOUCHER
Marchantiophyta					
Cephaloziaceae					
<i>Odontoschisma variabile</i> (Lindenb. & Gottsche) Trevis.	03	0,65	CRU	RU	D. Cardoso, 3583p.p., 16/1/2015
Cephaloziellaceae					
<i>Cylindrocolea planifolia</i> (Steph.) R.M. Schuster	02	0,43	FSS	CO, TE	I. Santos 2, 16/1/2015
<i>Cylindrocolea rhyzantha</i> (Mont.) R.M. Schuster	10	2,17	FOS, FSS, CER	CO, TE	I. Santos 7, 16/1/2015
Frullaniaceae					
<i>Frullania apiculata</i> (Reinw. et al.) Nees	01	0,20	FOS	CO	R. de Freitas 86, 18/1/2015
<i>Frullania caulisequa</i> (Nees) Nees	09	5,00	FOS, FSS	CO, EX, TE	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2653, 18/1/2015
<i>Frullania dilatata</i> (L.) Dumort.	01	0,20	FSS	EX	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2610-A, 16/1/2015
<i>Frullania ericoides</i> (Nees) Mont	22	4,80	FSS, CRU	CO, EX	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2609, 16/1/2015

TÁXON	F	F%	FITOFISIONOMIA	BRIOCENOSE	VOUCHER
<i>Frullania kunzei</i> (Lehm. & Lindenb.) Lehm & Lindenb.	21	4,55	FOS, FSS, CER, CRU	CO, EX	C. Bastos 5541, 18/1/2015
<i>Frullania riojaneirensis</i> (Raddi) Spruce	04	0,90	FSS, CRU	CO, EX	I. Santos 42, 17/1/2015
Jungermanniaceae					
<i>Jamesoniella rubricaulis</i> (Nees) Steph.	04	0,90	CRU	CO, RU, HU	D. Cardoso 3583p.p., 16/1/2015
Lejeuneaceae					
<i>Acrolejeunea torulosa</i> (Lehm. & Lindenb.) Schiffn.	06	1,30	FSS	CO	C. Bastos 5513, 16/1/2015
<i>Anoplolejeunea conferta</i> (C. F. W. Meissn. ex Spreng.) A. Evans	38	8,20	FOS, FSS, CRU	CO, EX, RU, HU	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2616, 18/1/2015
<i>Brachiolejeunea leiboldiana</i> (Gottsche & Lindenb.) Schiffn	03	0,65	CRU	CO, EX	Sara A. 52, 17/1/2015
<i>Bryopteris diffusa</i> (Sw.) Nees	02	2,60	FOS	CO, EX	C. Bastos 5550, 18/1/2015
<i>Cheilolejeunea clausa</i> (Nees & Mont.) R.M. Schuster	01	0,20	FOS	CO	C. Bastos 5597p.p., 18/1/2015
<i>Cheilolejeunea conchifolia</i> (A. Evans) W. Ye & R.L. Zhu	19	4,12	FOS, FSS, CRU	CO, EX, TE	K. Rodrigues 32, 17/1/2015
<i>Cheilolejeunea filiformis</i> (Sw.) W. Ye, R.L. Zhu & Gradst	05	1,00	FOS, FSS	CO	K. Rodrigues 93, 18/1/2015
<i>Cheilolejeunea intertexta</i> (Lindenb.) Steph.	07	1,52	FSS	CO	R. de Freitas, 6 16/1/2015
<i>Cheilolejeunea onchophylla</i> (Åongstr) Grolle	02	0,43	CRU	CO, HU	D. Cardoso 3583p.p., 16/1/2015
<i>Cheilolejeunea trifaria</i> (Reimers, Blume & Nees) Mizut.	05	1,00	FOS, FSS	CO, EX	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2612, 18/1/2015
<i>Cheilolejeunea uncioba</i> (Lindenb.) Malombe	07	1,52	FOS, FSS, CRU	CO, EX	C. Bastos 5573, 18/1/2015
<i>Cheilolejeunea xanthocarpa</i> (Lehm. & Lindenb.) Malombe	25	5,42	FOS, FSS, CRU	CO, EX	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2614, 18/1/2015
<i>Cololejeunea dauphinii</i> R.-L. Zhu	03	0,65	FOS, FSS	CO	Sara A. 97p.p., 18/1/2015
<i>Cololejeunea subcardiocalpa</i> Tixier	01	0,20	FSS	EF	C. Bastos 5602, 18/1/2015
<i>Colura calyptrifolia</i> (Hook.) Dumort.	06	1,30	CRU	CO	R. de Freitas 50p.p., 17/1/2015
<i>Colura tenuicornis</i> (A.Evans) Steph.	01	0,20	CRU	CO	I. Santos 20, 17/1/2015
<i>Diplasiolejeunea latipuensis</i> Tixier	03	0,65	FOS, FSS	CO, EF	C. Bastos 5570, 18/1/2015
<i>Diplasiolejeunea rudolphiana</i> Steph.	06	1,30	FOS, FSS, CRU	CO, EX	C. Bastos 5572, 18/1/2015
<i>Drepanolejeunea anoplantha</i> (Spruce) Steph.	01	0,20	CRU	RU	D. Cardoso s.n.-Cp.p., 17/1/2015
<i>Drepanolejeunea araucariae</i> Steph.	16	3,50	CRU	CO, EX, HU	K. Rodrigues 38, 17/1/2015
<i>Drepanolejeunea fragilis</i> Bischler	09	2,00	FSS, CRU	CO	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2651p.p., 18/1/2015
<i>Drepanolejeunea mosenii</i> (Steph.) Bischler	08	1,70	FOS, FSS, CRU	CO, EX, EF	K. Rodrigues 50, 18/1/2015
<i>Frullanoides corticalis</i> (Lehm. & Lindenb.) Van Slag.	02	0,43	FSS	CO	C. Bastos 5511, 16/1/2015
<i>Harpalejeunea subacuta</i> A. Evans	05	1,00	FSS	CO, EX	I. Santos 43, 17/1/2015
<i>Lejeunea adpressa</i> Nees	04	0,90	FOS, FSS	EX	C. Bastos 5561, 18/1/2015
<i>Lejeunea cancellata</i> Nees & Mont.	01	0,20	FOS	CO	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2640, 18/1/2015
<i>Lejeunea caulicalyx</i> (Steph.) M. E. Reiner & Goda	02	0,43	FOS	CO, EX	C. Bastos 5549, 18/1/2015
<i>Lejeunea controversa</i> Gottsche	02	0,43	FOS	CO, TE	R. de Freitas 110, 18/1/2015
<i>Lejeunea flava</i> (Sw.) Nees	23	5,00	FOS, FSS, CRU	CO, EX, TE, RU, HU	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2651, 18/1/2015
<i>Lejeunea grossitexta</i> (Steph.) M. E. Reiner & Goda	03	0,65	FOS	CO	C. Bastos 5551p.p., 18/1/2015
<i>Lejeunea immersa</i> Spruce	03	0,65	FOS, FSS	CO, EX	C. Bastos 5588, 18/1/2015
<i>Lejeunea oligoclada</i> Spruce	01	0,20	FSS	EX	I. Santos, 53p.p., 18/1/2015
<i>Lejeunea phyllobola</i> Nees &	16	3,50	FOS, FSS	CO	C. Bastos 5598, 18/1/2015

TAXON	F	F%	FITOFISIONOMIA	BRIOCENOSE	VOUCHER
Mont.					
<i>Lejeunea setiloba</i> Spruce	04	0,90	FOS, FSS	CO	C. Bastos 5523, 16/1/2015
<i>Lejeunea tapajosensis</i> Spruce	02	0,43	FOS, FSS	CO	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2640-A, 18/1/2015
<i>Lejeunea trinitensis</i> Lindenb.	02	0,43	FSS	CO	K. Rodrigues 3, 16/1/2015
<i>Lepidolejeunea involuta</i> (Gottsche) Grolle	02	0,43	FOS, FSS	CO	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2640-Bp.p., 18/1/2015
<i>Lopholejeunea nigricans</i> (Lindenb.) Schiffn.	02	0,43	FOS	CO	K. Rodrigues 80p.p., 18/1/2015
<i>Mastigolejeunea plicatiflora</i> (Spruce) Steph.	03	0,65	FSS	CO, EX	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2610, 16/1/2015
<i>Microlejeunea cystifera</i> Herzog	16	3,50	CRU	CO, EX	K. Rodrigues 41, 17/1/2015
<i>Microlejeunea epiphylla</i> Bischler	15	3,25	FSS, CRU	CO	I. Santos 27, 17/1/2015
<i>Myriocoleopsis minutissima</i> subsp. <i>myriocarpa</i> (Sm.) R.L. Zhu, Y. Yu & Pócs	07	1,52	FSS	CO, EX	C. Bastos 5538, 16/1/2015
<i>Rectolejeunea emarginuliflora</i> (Gottsche ex Schiffn.) A. Evans	05	1,00	FOS	CO	C. Bastos 5595, 18/1/2015
<i>Rectolejeunea versifolia</i> (Schiffn.) L. Sörderstr. & A. Hagborg	13	2,82	FOS, FSS	CO	C. Bastos 5599, 18/1/2015
<i>Schiffneriolejeunea polycarpa</i> (Nees) Gradst.	17	3,70	FOS, FSS	CO, EX	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2605, 16/1/2015
Lepidoziaceae					
<i>Bazzania phyllobola</i> Spruce	01	0,20	CRU	HU	D. Cardoso 3583p.p., 16/1/2015
<i>Telaranea nematodes</i> (Gott. ex Aust.) Howe	04	0,90	FOS, CRU	CO, EX, RU, HU	D. Cardoso 3583p.p., 16/1/2015
Lophocoleaceae					
<i>Lophocolea platensis</i> C. Massal.	01	0,20	FSS	CO	C. Bastos 5598p.p., 18/1/2015
Metzgeriaceae					
<i>Metzgeria furcata</i> (L.) Dumort.	03	0,65	FOS, FSS	CO	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2634, 18/1/2015
<i>Metzgeria hegewaldii</i> Kuwah.	01	0,20	FOS	CO	K. Rodrigues 51, 18/1/2015
<i>Metzgeria myriopoda</i> Lindb.	02	0,43	FOS, FSS	CO	K. Rodrigues 63, 18/1/2015
Plagiochilaceae					
<i>Plagiochila corrugata</i> (Nees) Nees & Mont.	05	1,00	FOS, CRU	CO, HU	C. Bastos 5596, 18/1/2015
<i>Plagiochila disticha</i> (Lehm. & Lindenb.) Lindenb.	03	0,65	FOS, FSS	CO, EX	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2620p.p., 18/1/2015
<i>Plagiochila patula</i> (Sw.) Lindenb.	06	1,30	FOS	CO	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2624, 18/1/2015
<i>Plagiochila raddiana</i> Lindenb.	09	2,00	FOS, FSS	CO	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2641-A, 18/1/2015
<i>Plagiochila subplana</i> Lindenb.	01	0,20	FOS	CO	D. Cardoso s.n.-A, 18/1/2015
Bryophyta					
Brachytheciaceae					
<i>Helicodontium capillare</i> (Hedw.) A. Jaeger	01	0,36	FOS	CO	R. de Freitas 62, 18/1/2015
<i>Meteoridium remotifolium</i> (Müll. Hal.) Manuel	01	0,36	FOS	CO	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2652, 18/1/2015
<i>**Rhynchostegium serrulatum</i> (Hedw.) A. Jaeger	03	1,10	FOS	CO, EX	C. Bastos 5548, 18/1/2015
<i>Zelometeorium patulum</i> (Hedw.) Manuel	03	1,10	FOS, FSS	CO	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2639, 18/1/2015
Bryaceae					
<i>Brachymenium systilium</i> (Müll. Hal.) A. Jaeger	09	3,26	FSS, CER	TE	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2606, 18/1/2015
<i>Bryum coronatum</i> Schwägr.	09	3,26	FSS, CER	TE	I. Santos 5, 16/1/2015
<i>Rosulabryum capillare</i> (Hedw.) J.R. Spence	06	2,17	FOS, FSS, CER	CO, TE	C. Bastos 5542. 18/1/2015
<i>Rosulabryum densifolium</i> (Brid.) Ochyra	01	0,36	FSS	TE	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2632, 18/1/2015
Calymperaceae					
<i>Octoblepharum albidum</i> Hedw.	08	2,90	FOS, FSS	CO, EX, TE	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2598, 16/1/2015
<i>Syrrophodon gaudichaudii</i> Mont.	05	1,81	FOS	CO, EX, TE	C. Bastos 5567p.p., 18/1/2015
<i>Syrrophodon incompletus</i>	02	0,72	FOS	CO	R. de Freitas 87-B, 18/1/2015

TAXON	F	F%	FITOFISIONOMIA	BRIOCENOSE	VOUCHER
Schwägr. <i>Syrrophodon parasiticus</i> (Sw. ex Brid.) Besch.	04	1,45	FOS, CRU	CO	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2621, 18/1/2015
<i>Syrrophodon prolifer</i> Schwägr.	03	1,10	FOS	CO, TE	C. Bastos 5547, 18/1/2015
Dicranaceae					
<i>Holomitrium crispulum</i> Mart.	01	0,36	FOS	EX	C. Bastos 5589p.p., 18/1/2015
Fabroniaceae					
<i>Fabronia ciliaris</i> var. <i>polycarpa</i> (Brid.) Brid.	01	0,36	FSS	CO	Sara A. 21-A, 16/1/2015
Fissidentaceae					
<i>Fissidens serratus</i> Müll. Hal.	12	4,35	FSS	CO, TE	C. Bastos 5529, 16/1/2015
<i>Fissidens spurio-limbatus</i> Broth.	01	0,36	FSS	TE	I. Santos 14. 16/1/2015
<i>Fissidens submarginatus</i> Bruch	01	0,36	FSS	TE	R. de Freitas 9, 16/1/2015
<i>Fissidens zollingeri</i> Mont	01	0,36	FSS	TE	I. Santos 4, 16/1/2015
Hypnaceae					
<i>Ectropothecium leptochaeton</i> (Schwägr.) W.R. Buck	06	2,17	FOS, CRU	CO, EX	Sara A. 104, 18/1/2015
<i>Mittenothamnium reptans</i> (Hedw.) Cardot	01	0,36	FOS	EX	R. de Freitas 111, 18/1/2015
Leucobryaceae					
<i>Campylopus cuspidatus</i> (Honsch.) Mitt.	03	1,10	CRU	CO, RU	Sara A. 45, 17/1/2015
<i>Campylopus filifolius</i> (Hornsch.) Mitt.	17	6,16	FOS, FSS, CRU	CO, EX, TE, RU	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2367, 18/1/2015
<i>Campylopus pilifer</i> Brid.	03	1,10	CRU	CO, TE	I. Santos 39, 17/1/2015
<i>Campylopus savannarum</i> (Müll. Hal.) Mitt.	06	2,17	CER, CRU	TE	C. Bastos 5543, 17/1/2015
<i>Campylopus surinamensis</i> Müll. Hal.	01	0,36	FSS	RU	Sara A. s.n., 18/1/2015
<i>Campylopus trachyblepharon</i> (Müll. Hal.) Mitt.	10	3,62	FOS, FSS, CER, CRU	TE	C. Bastos 5539, 18/1/2015
Orthotrichaceae					
<i>Macrocoma tenuis</i> subsp. <i>sulivantii</i> (Hook. & Grev.) Vitt	04	1,45	CRU	CO, EX	K. Rodrigues 34, 17/1/2015
<i>Macromitrium richardii</i> Schwägr.	10	3,62	CRU	CO, EX	K. Rodrigues 31, 17/1/2015
<i>Schlotheimia rugifolia</i> (Hook.) Schwägr.	06	2,17	FOS, FSS, CRU	CO, EX	C. Bastos 5597, 18/1/2015
Pilotrichaceae					
<i>Callicostella pallida</i> (Hornsch.) Aongstr.	07	2,53	FOS	CO, RU	C. Bastos 5574, 18/1/2015
<i>Callicostella rufescens</i> (Mitt.) A. Jaeger	02	0,72	FOS, FSS	RU	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2633, 18/1/2015
Pottiaceae					
<i>Hymenostomum goyazense</i> (Broth.) Broth.	04	1,45	FSS, CER, CRU	TE	C. Bastos 5516, 18/1/2015
<i>Tortella tortuosa</i> (Hedw.) Limpr.	02	0,72	FOS, FSS	TE	R. de Freitas 60, 18/1/2015
<i>Trichostomum tenuirostre</i> (Hook. & Taylor) Lindb.	02	0,72	CER	EX, TM	I. Santos 49, 18/1/2015
Pterobryaceae					
<i>Henicodium geniculatum</i> (Mitt.) W.R. Buck	01	0,36	FSS	CO	Sara A. 101, 18/1/2015
<i>Orthostichopsis praetermissa</i> W.R. Buck	08	2,90	FOS, FSS	CO, EX	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2641, 18/1/2015
<i>Orthostichopsis tortipilis</i> (Müll. Hal.) Broth.	10	3,62	FOS, FSS	CO	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2644, 18/1/2015
<i>Spiridentopsis longissima</i> (Raddi) Broth.	04	1,45	FOS	CO	D. Cardoso 3603, 18/1/2015
Pylaisiadelphaceae					
<i>Isopterygium tenerifolium</i> Mitt.	09	3,26	FOS, FSS	CO, EX, TE, RU	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2627, 18/1/2015
<i>Isopterygium tenerum</i> (Sw.) Mitt.	25	9,06	FOS, FSS	CO, EX, SM	C. Bastos 5593, 18/1/2015
Racopilaceae					
<i>Racopilum tomentosum</i> (Hedw.) Brid.	05	1,81	FOS, FSS	CO, EX	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2646, 18/1/2015
Sematophyllaceae					
<i>Aptychopsis estrellae</i> (Müll.	04	0,36	FOS	CO	R. de Freitas 87-Bp.p.,

TÁXON	F	F%	FITOFISIONOMIA	BRIOCENOSE	VOUCHER
Hal.) P.E.A.S. Câmara, W.R.Buck & M. Carvalho-Silva <i>Donnellia commutata</i> (Müll. Hal.) W.R. Buck	01	6,52	FOS, CRU	CO, EX	18/1/2015
<i>Sematophyllum galipense</i> (Müll. Hal.) Mitt.	18	1,45	FOS, FSS	CO, EX	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2647, 18/1/2015 C. Bastos 5545-A, 18/1/2015
<i>Sematophyllum subpinnatum</i> (Brid.) E. Britton	17	6,16	FOS, FSS	CO, EX	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2638, 18/1/2015
<i>Wijkia flagelifera</i> (Broth.) H.A. Crum	02	0,72	FOS	CO	Sara A. 93, 18/1/2015
Stereophyllaceae <i>Entodontopsis leucostega</i> (Brid.) W.R. Buck & Ireland	15	5,43	FSS	CO	S.B. Vilas Bôas-Bastos 2602, 16/1/2015
<i>Stereophyllum radiculosum</i> (Hook.) Mitt.	01	0,36	FSS	CO	C. Bastos 5527, 16/1/2015
TOTAL	737	-	-	-	-

Tabela 3. Quantificação das briocenos/substrato nas fitofisionomias encontradas na Área de Relevante Interesse Ecológico Serra do Orobó. FOS = Floresta Ombrófila Submontana; FSS = Floresta Sazonalmente Seca; CRU = Campo Rupestre; CER = Cerrado.

BRIOCENOSE/SUBSTRATO	FITOFISIONOMIAS			
	FOS	FSS	CRU	CER
Corticícola	217	198	102	003
Epíxila	047	020	027	001
Terrícola	023	034	008	020
Rupícola	009	002	012	000
Epífila	000	003	000	000
Humícola	000	000	009	000
Termitícola	000	001	000	000
Estipe de palmeira*	001	000	000	000
TOTAL	297	258	158	024

* sem designação terminológica específica para a briocenose.

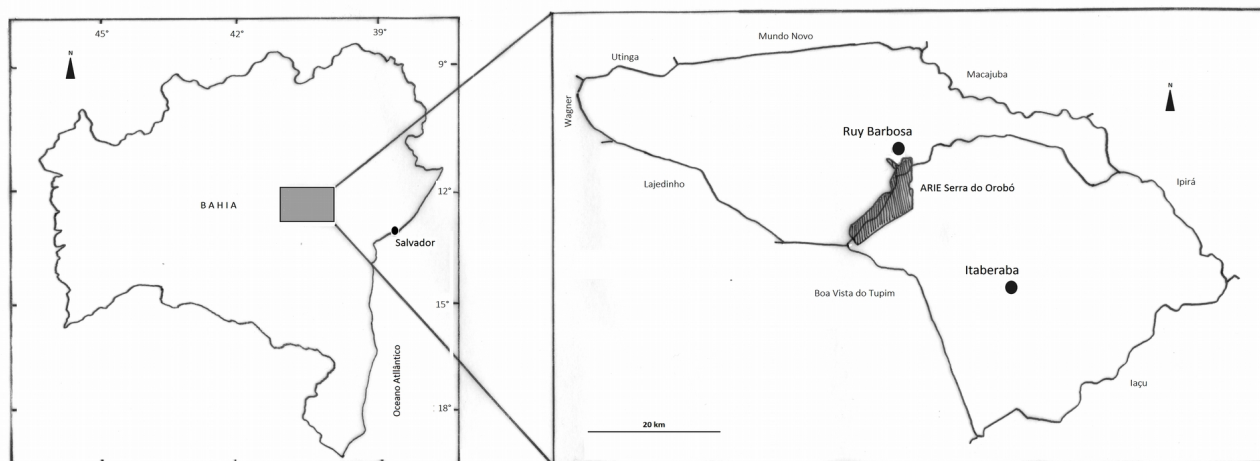


Figura 1. Mapa de localização da Serra do Orobó no Estado da Bahia.



Figura 2. Aspecto da vegetação da Floresta Sazonalmente Seca na face Norte da Serra do Orobó em Ruy Barbosa.



Figura 3. Aspecto da vegetação de Cerrado na face Norte da Serra do Orobó em Ruy Barbosa.



Figura 4. Aspecto da vegetação da Floresta Ombrófila na face Leste da Serra do Oróbó em Itaberaba.



Figura 5. Aspecto geral do Campo Rupestre na face Norte da Serra do Orobó em Ruy Barbosa, Bahia.

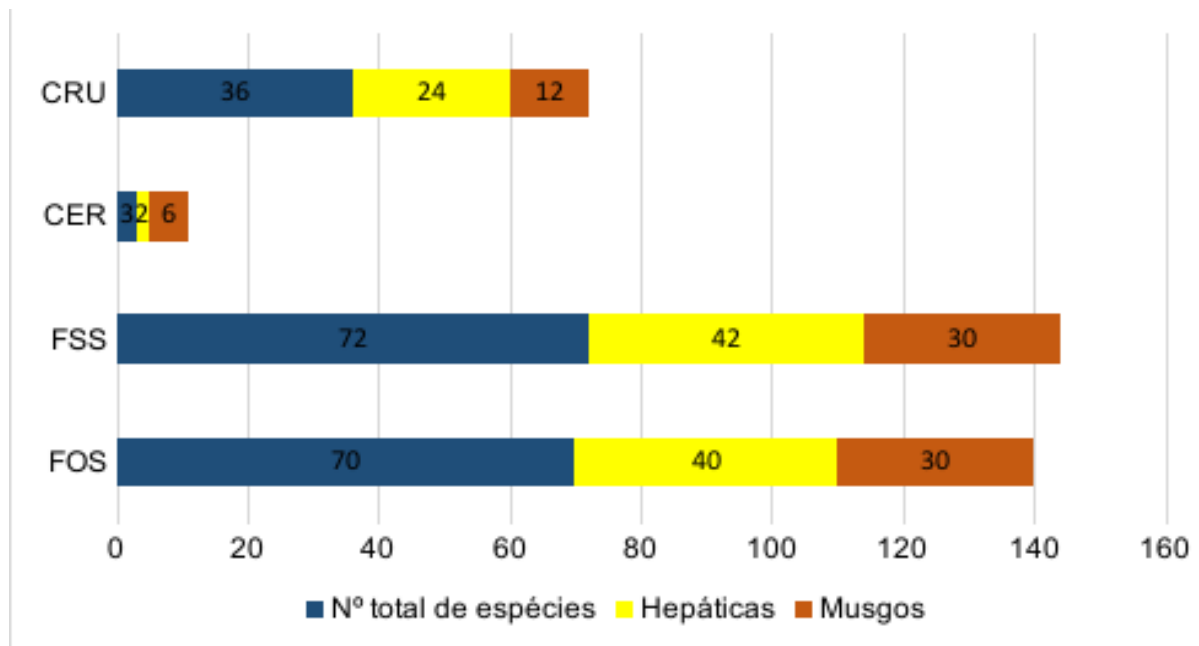


Figura 6. Representação gráfica da proporção de espécies entre musgos e hepáticas em relação ao número total de espécies de briófitas identificadas nas fitofisionomias encontradas na Serra do Orobó. FOS = Floresta Ombrófila Submontana; FSS = Floresta Sazonalmente Seca; CER = Cerrado; CRU = Campo Rupestre.

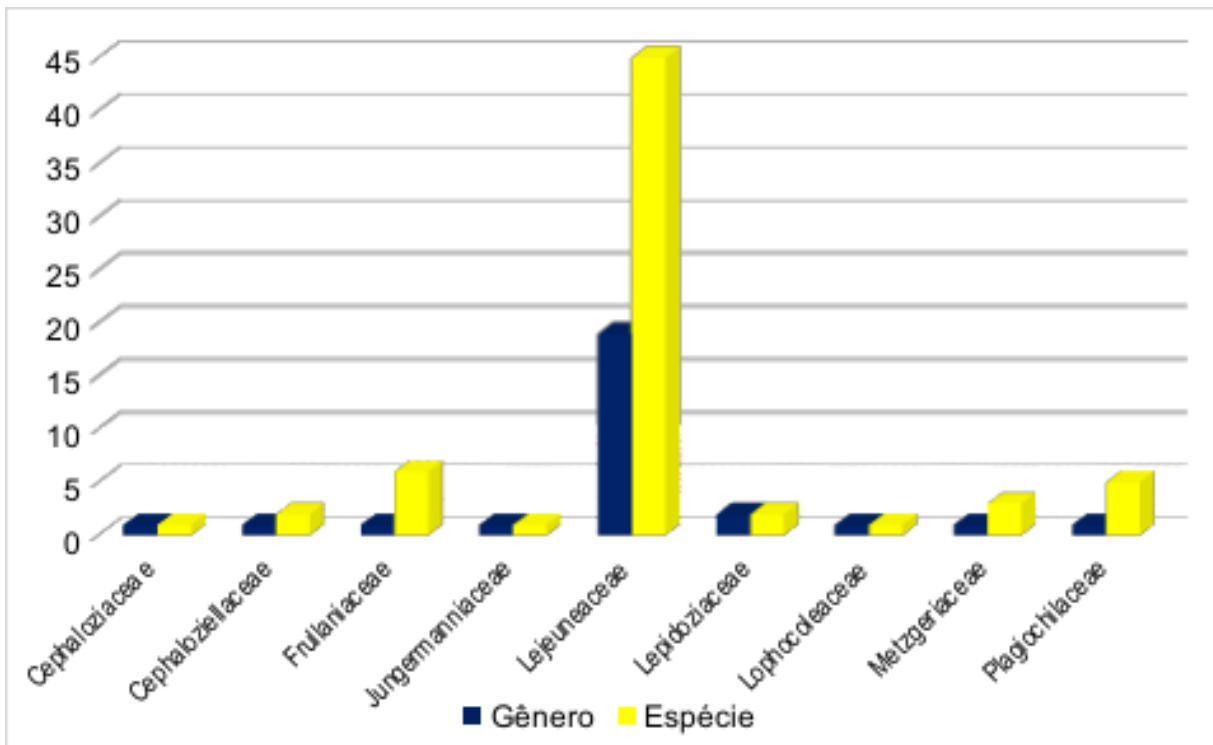


Figura 7. Representação gráfica da proporção do número de gêneros e espécies por família de hepáticas identificados na Serra do Orobó.

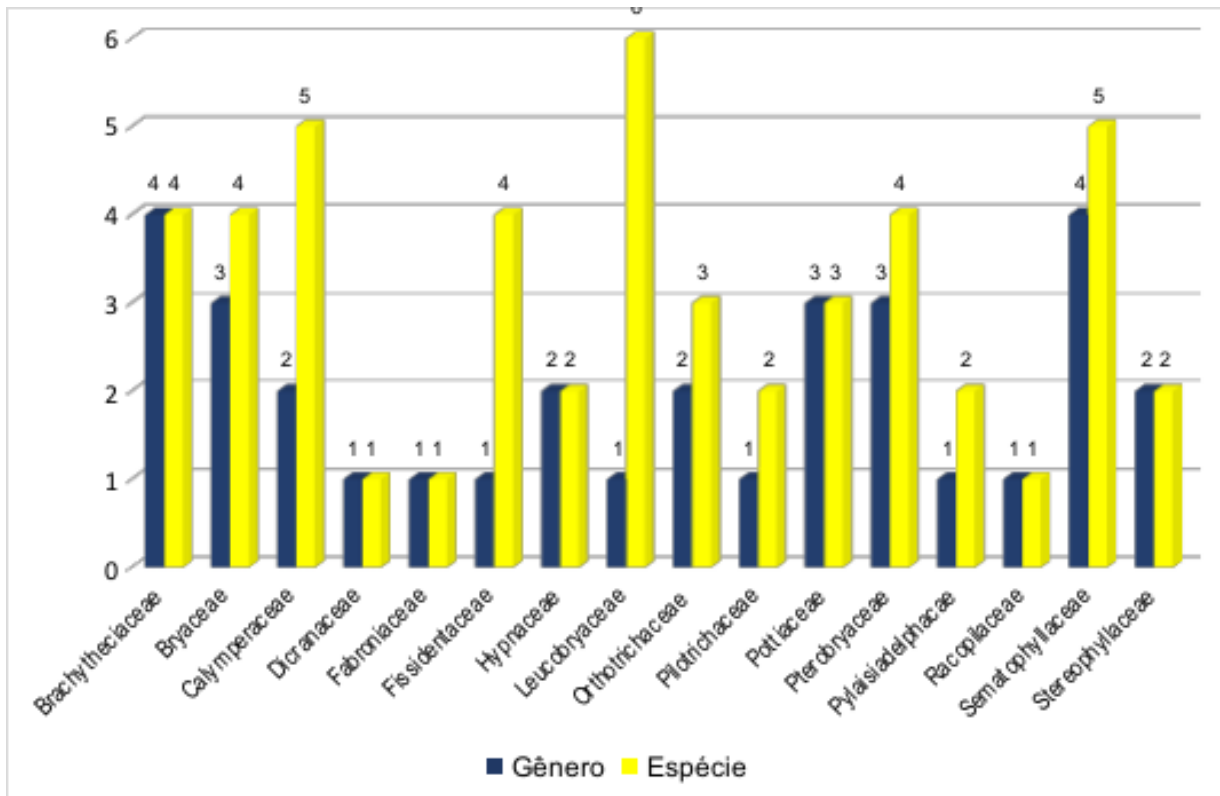


Figura 8. Representação gráfica da proporção do número de gêneros e espécies por família de musgos identificados na Serra do Orobó.

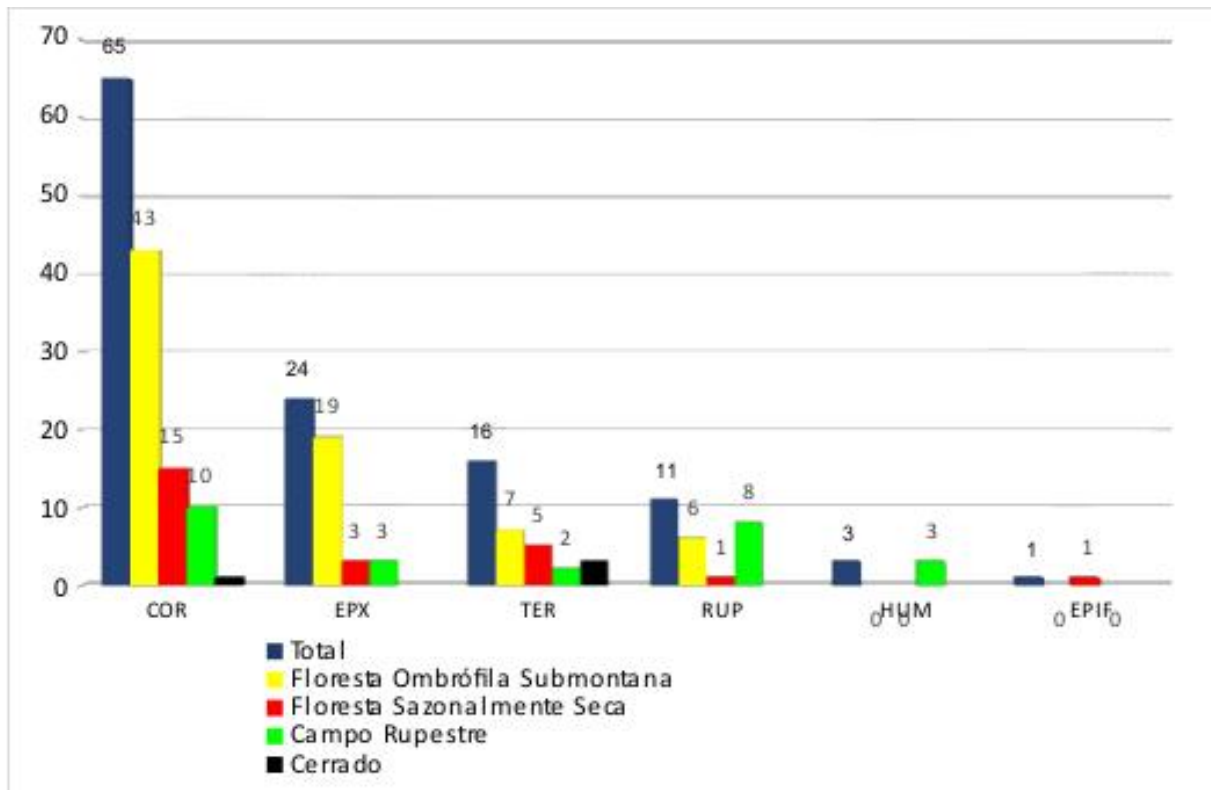


Figura 9. Representação gráfica do número de espécies de briófitas por briocenose em cada fitofisionomia encontrada na Serra do Orobó.

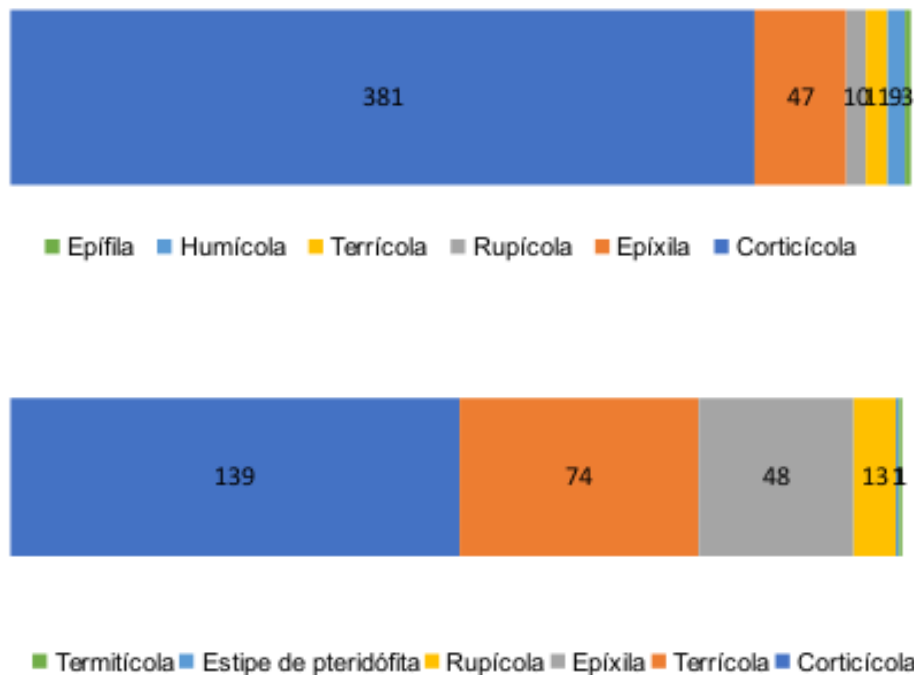


Figura 10. Comparação gráfica dos espectros ecológicos de musgos de hepáticas na Serra do Orobó.



Figura 11. Populações de *Spiridentopsis longissima* (Raddi) Broth. na parte alta da Floresta Ombrófila Submontana em Itaberaba. Foto: D. Cardoso/2015.